

## OCORRÊNCIAS DE TRÍPOLI NO SUBGRUPO IRATI, ESTADO DE SÃO PAULO

T.J. MONTANHEIRO<sup>1</sup>, J.K. YAMAMOTO<sup>2</sup>, L.A. GOBBO<sup>2</sup>

1 - IG-SMA / 2 - USP

O trípoli, numa definição ampla, é composto por sílica cristalina extremamente fina (microcristalina), em vários estágios de agregação, com granulação variando de 1 a 10 µm (Balazik, 1996). Segundo este autor, os trípolis comerciais contêm 98 a 99% de sílica, sendo complementados por alumina (argilas) e óxido de ferro. Segundo Metcalf (1949), trípolis são os produtos finais do intemperismo de calcários silicosos, calcários silexíticos ou silexitos, com a remoção do carbonato de cálcio deixando uma sílica finamente dividida.

O nome trípoli foi originalmente aplicado para designar materiais silicosos encontrados no norte da África, próximo da cidade de Trípoli (Quirk & Bates, 1978). Segundo estes autores, atribuiu-se também o mesmo nome, por similaridade, àqueles materiais descobertos, por volta de 1800, próximo a Seneca no Missouri (EUA). No entanto, estudos posteriores mostraram a diferença entre os dois materiais: o primeiro, do norte africano, consiste de esqueletos de diatomáceas (tripolita) enquanto que os depósitos de Missouri passaram a ser chamados de trípoli (Quirk & Bates, 1978).

No Estado de São Paulo, a primeira citação sobre trípoli deve-se a Knecht (1940). Este autor cita ocorrências em sedimentos do Grupo Estrada Nova, nas localidades de Fartura, Bonsucesso, Angatuba, Guareí, Tatuí, Conchas, Piracicaba, São Pedro, Rio Claro, Limeira, Araras e Pirassununga.

Recentemente, Riccomini et al. (1997) descreveram a ocorrência de trípoli em rochas sedimentares permianas do topo da Formação Tatuí, na região de Rio Claro - Ipeúna - Piracicaba.

Este trabalho apresenta as ocorrências de trípoli no Subgrupo Irati, nas seguintes localidades: Ipeúna, Itapetininga, Angatuba, Fartura e Carlópolis (PR).

As ocorrências de tripoli encontram-se associadas às rochas carbonáticas da Formação Assistência, preferencialmente relacionadas ao Membro Ipeúna, conforme as observações de campo, bem como as seções levantadas em Ipeúna e Itapetininga. Na realidade, o modelo pressuposto, para a gênese do trípoli, está baseado na silicificação parcial de rochas carbonáticas e posterior remobilização de carbonatos, resultando numa sílica finamente dividida.

A silicificação de rochas carbonáticas da Formação Assistência poderia ser atribuída inicialmente à intrusão de diques/sills básicos associados ao vulcanismo da Formação Serra Geral.

*Referências Bibliográficas*

Balazik, R.F. 1996. Tripoli and special silica stone.

Consulta *on-line* (<http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/commodity/silica>).

Knecht, T. 1940. Os minérios não metálicos do Estado de São Paulo. São Paulo. Instituto Geográfico e Geológico. p. 248-251, (Boletim 27).

Metcalf, R.W. 1949. Tripoli. In: Dolbear, H.S. (ed.). Industrial minerals and rocks. New York. The American Institute of Mining and Metallurgical Engineers. p.1074-1101.

Quirk, W.F. & Bates, A.K. 1978. Tripoli deposits of southwest Missouri and northeast Oklahoma. In: Johnson, K.S. & Russell, J.A.(eds.). Thirteenth annual forum on the geology of industrial minerals. Oklahoma Geological Survey, 54p. (Circular 135).

Riccomini, C.; Sant'Anna, L.G.; Coimbra, A.M. 1997. Sílica microcristalina (trípoli) em rochas sedimentares permianas do flanco leste da Bacia do Paraná, Estado de São Paulo, Brasil. Revista Brasileira de Geociências, 27(4):395-402.